

# **Exercício Experimental de Alteridade**

**2015-2016**

**Maísa Rabelo**

A artista dedica este trabalho/catálogo a Ruth Sousa,  
Marizete Rabelo e Márcio da Costa

Universidade de Brasília

Instituto de Artes

Departamento de Artes Visuais

Este trabalho oferece uma amostra representativa de uma série de experimentos fotográficos que tenho realizado desde setembro de 2015, paralela a uma análise de questões relacionadas à obra que trata das razões que me levaram a me retratar em habitações diversas, a me colocar no lugar de um dos seus moradores, do por que elegi algumas pessoas para serem meus modelos (bases inspiradoras de minhas fotos finais) e sobre o que de provocativo e, até mesmo, de indizível possa ter resultado cada foto e o conjunto delas.



## Sumário

EM ATO	7
EM CASA	11
VESTINDO-SE DE	17
O COTIDIANO NA INTIMIDADE	21
(EM)CENA	25
O OUTRO (D)E SI MESMO	29
PÓS-ATO	33
—	
IMAGENS	36
NOTAS	38
REFERÊNCIAS	40
ENDEREÇOS ELETRÔNICOS	
RELACIONADOS	41



Belidson Dias, 50 anos, Educador em Artes Visuais.

Fotografia

2015

## EM ATO

Esta obra é um exercício em que experimento outras possibilidades do existir ao me colocar em habitações diversas e no lugar de seus moradores por um tempo breve.

As pessoas convidadas foram escolhidas não necessariamente pelo acaso ou pela proximidade (fatos que, de certa forma, também contribuíram para as escolhas), mas também – percebo – que foi por um “não sei o quê” envolvendo estilo de vestimenta, moradia, profissão e maneira de ser que contribuiu para as seleções.

O meu convite pode facilmente receber como resposta uma negativa sem maiores análises ou ponderações se o convidado e eu não formos conhecidos ou minimamente apresentados, pois minha proposta, à primeira vista, além de inusitada, pode parecer invasiva por conta do fato de que eu lhe “tomaria” o lugar social, mesmo que por um tempo curto, na intimidade do seu lar. Se há um íntimo receio de que, ao se ter a própria imagem fotografada, ter-se-ia a alma e a essência capturadas<sup>1</sup>, o incômodo deve ser maior se, além de ter sido capturada a sua imagem, lhe fossem tomados emprestados a roupa e o seu espaço no seio familiar;

com a substituição de sua imagem no retrato final. Apesar disso, tenho convidado pessoas que não são do meu convívio para o experimento fotográfico, procurando deixar claro que se trata de um projeto artístico, o que pode facilitar a recepção de uma certa excentricidade inerente à arte.

Depois do convite e de receber o aceite, combino com o anfitrião que dia e hora estarei em sua casa e, ao chegar lá, peço para que me apresente os cômodos da casa, pergunto-lhe se gostaria que a foto fosse feita em algum cômodo específico, quais atividades cotidianas costuma fazer naquele local e, pensando não só nessas preferências do outro, mas também na iluminação e no espaço para a foto, escolho um local que será o cenário para a atuação fotográfica. Por usar uma lente fixa de 24 mm, a imagem que faço ali deve seguir um padrão de certa distância do modelo, de modo a proporcionar uma amplitude de captação do cenário que o cerca.

No próximo passo, o anfitrião escolhe uma roupa de sua preferência, que use com mais frequência e que combine com a atividade que será representada na fotografia. Várias fotos são tiradas dele se representando num momento escolhido de seu cotidiano. Depois de definir sua pose mais representativa como referência para o meu trabalho, visto a roupa do mode-



Carol Barreiro, 29 anos, Professora de Artes Cênicas.

Fotografia

2015



lo e me posiciono no mesmo lugar onde ele se apresentou na foto escolhida, representando-o a partir do que vejo nesta fotografia. A máquina fotográfica permanece fixada na mesma posição de antes sobre o tripé, e procuro manter a mesma velocidade de obturação e a mesma abertura do diafragma da fotografia realizada anteriormente. Por essa razão, os procedimentos devem ser ágeis a fim de evitar mudança drástica da iluminação natural no local.

E, ao me encontrar sob as mesmas condições espaciais dentro do enquadramento fotográfico (tendo o corpo do outro como referência), represento-o nas suas expressões corporais e gestuais enquanto um(a) auxiliar de fotografia dispara o obturador da máquina ao detectar que estou em local, postura e expressões equivalentes aos da foto que tirei antes do meu modelo. Essas informações são observadas pelo(a) auxiliar no visor da câmera e levadas até mim para que suas imagens sejam comparadas até que eu veja que a representação esteja a mais fidedigna possível com a foto do modelo.



Cléo Alves Pinto, 36 anos, Arquiteta.

Fotografia

2015

## EM CASA

*Toda grande imagem é reveladora de um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é 'um estado de alma'.*

**Gaston Bachelard**

A casa é o primeiro mundo do ser humano. É onde podemos repousar e sonhar em paz<sup>2</sup>. É o lugar de solidão essencial do ser, de refúgio, conforto e proteção e onde afloram as potencialidades da alma. É nas lembranças das casas em que nos abrigamos que nosso inconsciente repousa, e assim considero que é nas casas onde vislumbro que haja uma possibilidade de maior proximidade original na expressão do sujeito e onde nos permitimos expressar com maior liberdade a identidade.

A casa natal inscreveu, em nós, hábitos que levamos para todas as demais casas e que também dialogam com a nossa vida pública. Esses hábitos são vividos no cotidiano de cada indivíduo, constituem uma rotina ao longo do dia e são próprios em cada ambiente da casa, como o ato de tomar banho no banheiro, de dormir no quarto ou de receber visitas na sala<sup>3</sup>.

Há na casa ambientes que refletem uma esfera mais pública ou mais privada, tais como a sala de estar em oposição ao banheiro<sup>4</sup>. Dessa forma, observo que tenho fotografado para esse projeto, principalmente os ambientes públicos da casa, como a sala de estar, local mais representativo da casa, capaz de mostrar aos visitantes quem habita ali, porém com menos intimidade como noutros ambientes. Então, meu trabalho apresentaria o modelo no privado, que é a sua casa, ao mesmo tempo que no público, representado pelo ambiente mais frequentado pelas visitas. Entretanto, meu interesse norteia todos os ambientes da casa e suas rotinas; deste modo, já fotografei o quarto de um adolescente, mais de uma cozinha e uma cozinha/área de trabalho em um ateliê, embora esses cômodos fossem para os seus moradores um lugar onde também recebiam visitas.

O tipo de mobília, a disposição dos móveis e a decoração fazem do cenário o palco para a ação do indivíduo<sup>5</sup>, revelando as formas como a pessoa resolve transformar o seu espaço íntimo em algo que o represente. Identifico-me com os diversos palcos pelos quais transitei devido ao reconhecimento do que nos é culturalmente comum e percebo que até mesmo elementos inusitados que verifiquei nesses palcos provocaram-me



Fernando Bueno, 56 anos, Colecionador.

Fotografia

2016

uma satisfação de identificação. É meu objetivo futuro alcançar diferentes culturas, de forma que a estranheza seja mais provocativa, possibilitando alcançar outros *insights*. Essa série está apenas parcialmente contemplada nas diferenças e apresenta mais identificação que estranhezas vistas num sentido de diferença sociocultural.

Observar as habitações de outrem me remete, por associação, ao meu “primeiro universo”<sup>6</sup>, então recordo as casas em que habitei e, num faz de conta, acordo nessa casa que me foi recém-apresentada como possibilidade de ter sido mais uma onde eu pudesse ter vivido. As surpresas naturais que essa casa pode trazer, apresentando-me o outro nas suas escolhas peculiares e até inusitadas, mesmo que sutilmente estranhas, podem me causar, num paradoxo, uma impressão familiar e fresca de identificação.

O artista argentino Andy Goldstein explora, no trabalho *Gente en su Casa* (1985), a “cultura da pose” e investiga como as pessoas se apresentam à câmera fotográfica e os seus costumes sociais que podem aparecer nas suas decisões mais conscientes sobre ser fotografadas e posar para a câmera. Para isso, ele dá tempo a elas para que possam tomar decisões como pose, roupa e local de sua casa que queiram mostrar<sup>7</sup>. Meus convida-

dos também têm tempo para refletir sobre onde e como serão representados, mas as decisões sobre o local da casa e a atividade cotidiana são compartilhadas por nós dois, e também interfiro sobre a sua pose, no sentido de fazer com que ele se apresente à câmera do modo mais natural que conseguir.

E, em praticamente todas as fotografias de *Gente en su Casa* (ver Imagem 1), Andy Goldstein apresenta seus personagens com nome, idade e profissão, assim como eu apresento os meus. Entretanto, mostro os dados apenas daqueles dos quais me coloquei no lugar e, caso apareçam outras pessoas ao meu lado na fotografia, tal como estiveram antes com o modelo, não indico dados sobre eles. Outra peculiaridade do meu projeto é que apresento os nomes indicados pelas pessoas, sejam nomes artísticos, sejam nomes sociais, sejam apelidos, pois o nome também faz parte de sua identidade representada/apresentada, e não necessito de uma identidade oficial para aceitá-la.

A casa também é apresentada pelo fotógrafo romeno Bogdan Gîrbovan na série “10/1” (2008), que fotografa a sala de apartamentos com plantas idênticas e correlatos em um mesmo prédio, do primeiro ao décimo andar<sup>8</sup>. Aqui percebemos como o ser humano representa sua identidade na ocupação do seu espaço





Lêda Del Caro, 83 anos, Aposentada.

Fotografia

2015

e como suas escolhas os fazem habitar, de maneira tão diversa, lugares com a mesma arquitetura (ver Imagem 2 e 3).

No trabalho acima mencionado, as pessoas se apresentam a si e ao seu espaço e, de modo geral, olham para a câmera e encaram o observador assim como em *Gente en su Casa*, de Andy Goldstein; enquanto que, no meu, as pessoas inspiradoras das fotos não olham para a câmera e agem como se esta não estivesse ali ao apresentarem sua atividade cotidiana. Para esse efeito, procuro minimizar o impacto intruso do fotógrafo e da câmera sobre a naturalidade do fotografado, esperando que ele represente a si mesmo com mais veracidade, dando-lhe tempo para relaxar seu corpo e reencontrar a sua postura mais natural como se ali não houvesse um observador.



Bruno Neves, 15 anos, Estudante.

Fotografia

2015



## VESTINDO-SE DE

*A simbologia das roupas varia de cultura para cultura. Para o homem moderno, então, representa uma espécie de espelho de si mesmo.*

**Gilson Monteiro**

A vestimenta, um dos primeiros indícios de consciência de si mesmo<sup>9</sup>, é uma forma de dizer ao próximo sobre a identidade de quem a usa, projetando a imagem que o indivíduo faz de si mesmo. A roupa revela a identidade do ser, representando-o, assim como o fazem a casa, a atividade cotidiana, a postura, os gestos, o nome, a idade e a profissão que formam, conjuntamente, um imaginário desse ser.

A identidade está em constante adaptação e, cada vez mais, as pessoas “vestem” máscaras identificativas, usando-as e abandonando-as enquanto “se agrupam e se separam mediante escolhas individuais baseadas no gosto subjetivo”<sup>10</sup>, pois os papéis que representamos na vida são diferentes de acordo com o contexto apresentado.

As vestes comunicam ao outro a que classe social e, mais especificamente, a que grupo o indivíduo pertence, como também a qual deseja pertencer. As vestes podem dizer ao outro algo que a pessoa não é, mas que gostaria de se tornar<sup>11</sup>. Além da classe social, a roupa é uma representação imagética da idade, do gênero e de certos aspectos da personalidade, dos gostos, dos humores e, em cada um desses fatores, cabe a representação do que se é e também do que se deseja ser. O traje possibilita ao sujeito se aproximar esteticamente dos indivíduos do modo que escolheu se mostrar, e ele facilita a aceitação no grupo com o qual se identificou ou quer se identificar, proporcionando ao indivíduo uma ferramenta eficaz na construção de sua identidade almejada. Assim, o traje é um grande auxiliar na mutação imagética no processo de identificação do sujeito.

A artista coreana Nikki S. Lee, algum tempo após se mudar para Nova Iorque, começou sua série fotográfica *Projects* (1997-2001), na qual nos mostra como a identidade se modifica dependendo do grupo em que se está inserido. Nikki passa por transformações radicais em seu comportamento, alterando roupas, maquiagem, cor da pele, posturas, gestos e até mesmo aspectos físicos, como ganho ou perda de peso, com a intenção de se aproximar de um grupo específico e ser



Gustavo Letruta, 27 anos, Drag Queen.

Fotografia

2016

recebida como se fosse uma igual. Ela se apresenta para o grupo como quem está trabalhando num projeto artístico e diz que gostaria de andar com os componentes do grupo por um tempo, permanecendo ao lado deles de 3 a 4 meses<sup>12</sup>.

Nikki se inseriu em grupos (ver Imagens 4 e 5) de estudantes, de hispânicos, de idosos, de *drag*<sup>13</sup> *queens* e de dançarinas exóticas, entre outros, e depois foi fotografada no cotidiano do grupo ao lado deles, por uma câmera instantânea manuseada por um amigo ou por alguém pertencente ao grupo. Ela mantinha o controle da sua obra, na medida em que escolhia o momento para a fotografia e por meio da edição das fotos que seriam exibidas<sup>14</sup>.

Diferentemente de Nikki, não mudo aspectos do meu corpo e decido como será a foto; além disso, para representar um personagem, visto a roupa de quem tive como inspiração para minha atuação e também me “visto” com a mesma maquiagem, anéis e brincos do modelo, mas não apago minha identidade física com o uso de próteses, bronzamento, ganhos ou perdas de massa muscular e nem altero meus cabelos ou feições para replicar o corpo do outro. Meu corpo conta a minha história de vida na fotografia do outro; mostro cores e cortes de cabelo diversos que já estivesse usando antes, assim como o passar do tempo e as cir-

cunstâncias que me cercam estarão expressas nas fotografias que seguirão a linha deste trabalho.

Um dos momentos em que usei maquiagem marcante no projeto foi ao interpretar um homem vestido de *drag queen*, pois, para o artista que a interpreta, ela é marca identificativa do seu trabalho. Nessa fotografia, no lugar de um homem que interpreta uma *drag queen* (que provoca o estranhamento pelo corpo masculino de alguém que se veste de uma personagem feminina), alcancei a provocação de causar outro estranhamento, que é o de uma mulher interpretando uma *drag queen*, e não o mais óbvio, que seria a interpretação de um *drag king*.



Cristiano Carvalho, 42 anos, Servidor Público.

Fotografia

2016

## O COTIDIANO NA INTIMIDADE

*A cotidianidade do “intimo” escondido no coração do cotidiano se identifica com a rápida e fugaz recuperação dos dias, semanas, meses que passaram, após a fadiga.*

**Henri Lefebvre**

Assim como as roupas, o cotidiano varia de tempos em tempos, pois é também resultado das relações sociais e políticas que são mutáveis.

Charlotte Cotton analisa fotografias de vida íntima e percebe que estas assimilam aspectos dos instantâneos domésticos com a “presença de pessoas que amamos”<sup>15</sup> em momentos significativos de suas vidas, somadas, muitas vezes, a um registro despretenso que “assinala a intimidade do relacionamento entre o fotógrafo e seu tema”<sup>16</sup>. Neste trabalho, não apresento essa fotografia despreocupada com as técnicas fotográficas, além de não haver também, necessariamente, intimidade entre mim e o tema a ser fotografado. Minhas fotografias são planejadas, posadas e, posteriormente, representadas; são tanto de intimidade quanto também se aproximam da fotografia de família, quando os pa-

péis interpretados são “papéis familiares funcionando saudavelmente”<sup>17</sup>, como na foto em que estou no lugar da mãe que lê para as suas filhas, ou mesmo com a gata da família.

O artista holandês Hans Eijkelboom, em *With my Family* (1973), retratou-se em casas de diferentes pessoas na sua vizinhança, enquanto os maridos estavam ausentes, realizando fotografias com esposas e filhos que não eram os seus<sup>18</sup>, o que resultou em fotografias típicas de retratos de família em que o marido, a esposa e os filhos posam para câmera em sua sala de estar. Aparentemente ele não se apresenta como o outro e fica apenas no lugar dele como pai e marido substituto, mas de um modo bastante convincente, tanto pela desenvoltura no papel que desempenha quanto pelas suas roupas consonantes com as das famílias retratadas (ver Imagem 6).

No meu trabalho, evidencio o indivíduo desacompanhado, majoritariamente, ressaltando-o em sua própria casa, e esse aspecto “solitário” dele pode ser considerado um elemento de contemporaneidade, visto que, na atualidade, o homem é mais desvinculado da identidade social e passa a ser, em si mesmo (sem significados relacionais), um ser passível de despertar o interesse alheio e a expressar, nas suas escolhas pesso-



Felipe Fernandes, 29 anos, Diretor de Cena.

Fotografia

2016

ais e originais, sua interioridade distinta da dos demais, manifestando um significado próprio.

O homem não é mais, como em épocas passadas, retratado, preferencialmente, como o membro pertencente a uma família ou como representante de uma função social, por exemplo. Hoje, ele se reinventa em várias direções e, inteirado de que sua identidade está sujeita a constantes transformações<sup>19</sup>, passa a ser elemento provocativo de interesses diversos. Na minha fotografia, destaco esse indivíduo cercado de seu próprio ambiente, chamando para si uma série rica de significados sem a necessidade de que seja apresentado como pertencente a algum grupo para validar-se, embora o conjunto da minha obra acabe mostrando uma narrativa do dia a dia de um grupo de pessoas e apresentando, dessa forma, um tipo de relação e conexão social.

Está presente no meu trabalho um outro aspecto da fotografia de vida íntima, que é o tema de “não eventos”<sup>20</sup> da vida doméstica, tais como cozinhar, ler um livro, falar ao telefone, dormir, comer, assistir à televisão, fazer um café, checar *e-mails* ou mesmo um estar ocioso. Como exemplo de não evento, nota-se a foto intitulada “*Gustavo Letruta, 27 anos, Drag Queen*”, feita representando um momento privado em que meu convidado chega à sua casa vindo de um trabalho per-

formático como *Drag Queen* e está na cozinha se alimentando e ainda vestido de sua personagem.

As imagens que escolho tendem a mostrar um aparente tédio, um olhar perdido, uma sensação de que o instante se arrasta; apresentam um momento de devaneio, de descanso e, por isso mesmo, de muita intimidade “flagrante”.





José Regino, 54 anos, Palhaço.

Fotografia

2016



## (EM)CENA

*A identidade nasce da ilusão afirmada.*

**François Soulages**

Neste trabalho representei, antes das fotos finais, o papel da profissional fotógrafa, entre outros papéis colaborativos, e entrei na casa do outro apresentando questões, fazendo escolhas e me portando da maneira que acredito que uma fotógrafa deva se portar, nesses casos, para que alcance a segurança na execução do seu papel, além da confiança e da colaboração do seu modelo/anfitrião. Depois, o modelo desempenhou um papel sobre a concepção que tem de si e posou com todo o artifício representativo encenando a si mesmo<sup>21</sup> no que ele acreditava ser (atitude própria da natureza humana). Em seguida, num momento de teatralização explícita, represento o papel do modelo copiando posturas e expressões dele, e para isso, mudo a posição dos meus ombros e da minha coluna, redireciono membros, pés e mãos para um local pré-determinado e, seguindo a foto-modelo, giro meu rosto para olhar na mesma perspectiva que foi daquele de quem ocupei o lugar. Apesar de tanto uso das máscaras e de aparentes

ocultamentos nas sequenciais representações, o resultado das fotos termina por mostrar, na sua ambivalente capacidade de ocultar/revelar, aspectos da nossa identidade representada.

Penso que, na casa em que se habita, a identidade se mantenha, de modo geral, menos alterada e mais fiel ao estado pacificado do ser, pois nela é onde se espera que seja o lugar ideal, familiar e amigável e com menos pressão no sentido de um cumprimento mais exigente de determinados papéis sociais, um lugar propício para que a nossa identidade tenha chances de se expressar com mais despreocupação. Entretanto, na presença de um observador, o indivíduo muda sua representação, porque o olhar do outro, estranho ao seu meio, coloca-o em cheque, e ele não é o mesmo de quando solitário ou quando está com algum membro da família ou amigos íntimos. Por essa razão, vejo a necessidade de que o impacto da presença do fotógrafo sobre a naturalidade do fotografado seja diminuída, pois um dos objetivos aqui é o que o modelo represente a si mesmo com a maior sinceridade possível.

O artista canadense Jeff Wall não fotografa os acontecimentos do cotidiano assim que os vê; ele parte de sua memória e, meses depois, recria ou remodela



Léo Tavares, 31 anos, Escritor.

Fotografia

2015

essa cena com atores. Ele reencena tanto momentos de algo que notou quanto devaneios ou encontros inesperados com pinturas e fotografias ou, ainda, inspira-se na literatura ou em convenções cinematográficas<sup>22</sup> (ver Imagem 7 como exemplificativa de seu trabalho). Suas recriações têm cuidado com as expressões gestuais dos atores de forma a nos dar a sensação de um flagrante do cotidiano, e não de atores posando. Ele utiliza iluminação artificial, e a execução de suas fotografias podem levar dias ou meses, resultantes de muito planejamento e muitos ensaios e disparos fotográficos<sup>23</sup>. Jeff Wall investe tempo também para encontrar um ponto exato onde localizará sua câmera para construir a perspectiva de modo a se libertar do lugar de fotógrafo, tornando-se um observador do seu trabalho<sup>24</sup>.

Assim como Jeff Wall, recrio uma cena do cotidiano. Entretanto, essa cena é fotografada antes e imediatamente recomposta com a substituição do modelo por mim mesma. O ambiente e as ações que escolho são orientados para a vida doméstica, e minhas escolhas do melhor local de determinada casa para as fotografias envolvem tanto o resultado estético quanto a melhor exposição do indivíduo em relação ao fotógrafo/observador. Busco mostrar na minha fotografia o ambiente e a atividade do morador da casa de modo a dar a sensação de que, ao vermos a foto, observamos

uma ação como se passássemos ao lado da cena em andamento e a víssemos de relance ao virarmos o rosto em sua direção.

O eu do sujeito não é algo permanente; portanto, na captação de sua imagem em uma fotografia, é apreendida a representação desse eu num trânsito entre as suas identidades plurais.

O outro posa duplamente na sua pose fotográfica e também na sua afetação mundana, cultural e social<sup>25</sup>. O retrato visto assim seria o resultado entre o que o convidado acha que é e o que ele quer mostrar ser, somado ao que eu quero que ele mostre. Além desses fatores, como fotógrafa, intervenho na encenação, montando imagens e significados a partir do meu olhar estético. E, na sequência, para a fotografia final, ocupando o lugar do meu modelo, acrescento à obra uma nova refração da gama de significados já construída. E, assim, a fotografia revela o artificial do mundo ao receptor, que também investe nela novos sentidos ligados à sua subjetividade e ao seu imaginário<sup>26</sup>.



Jacque Bittencourt, 29 anos, Professora de Artes.

Fotografia

2016

## O OUTRO (D)E SI MESMO

*O inconsciente é o discurso do Outro.*

**Jacques Lacan**

A nossa identidade é influenciada pela forma com que nos vemos, pela forma com que o outro nos vê e pela que acreditamos que o outro pensa sobre nós<sup>27</sup>; assim o olhar do outro nos influencia constantemente e é essencial para a formação da identidade.

Podemos nos identificar com o outro por sermos semelhantes a ele, ou por termos vivido situações semelhantes às dele, e esta identificação pode acontecer de tal forma e com tal intensidade que restam dúvidas sobre quem seja o eu e, numa progressão, chega-se a ter o seu próprio eu substituído pelo do outro<sup>28</sup>, ocorrendo, dessa forma, um intercâmbio do eu com o eu do outro, quando as fronteiras entre o eu e o eu do outro são quebradas, resultando num só. A pessoa pode se ver como um determinado outro e, até mesmo, passar a agir como este outro age e, não enfrentando a realidade de ser quem se é, passa-se a viver um outro papel.

Ao sermos confrontados no contato com o outro, podemos tanto nos identificar com ele como estranhá-lo. Desconhecemos o outro por ser diferente de

nós ou das pessoas com quem convivemos, pelas atitudes ou pelos aspectos físicos, e também o estranhamos porque ele pode nos revelar algo familiar que está no nosso inconsciente sobre nós mesmos, espelhando-nos para quem somos. Ao me reconhecer no diferente, intuo que esse outro bem que poderia ser eu se sob as mesmas condições.

Sobre o estranho, Freud esclarece que estranhamos tanto o que é novo e não familiar quanto o que é velho e, há muito, familiar. Ele acrescenta que o termo *heimlich* (familiar) significa o que é agradável e familiar e também o que está oculto e se mantém fora de vista, enquanto *unheimlich* (estranho) é frequentemente aquilo que não é familiar nem agradável, mas também “o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz”<sup>29</sup>. Apesar de etimologicamente opostos, *heimlich* e *unheimlich* se confundem em algum momento, quando notamos que os termos coabitam no mesmo tempo e espaço. O estranho é, dessa forma, o encontro do familiar com o não familiar.

O duplo é um segundo eu. Ele surge quando o sujeito é um outro e não mais ele mesmo; quando o sujeito vê a si mesmo como um estranho que está fora dele e o seu eu se ausenta, deixando-se representar pelo outro. O duplo se manifesta no reflexo do espelho, nas



David Almeida, 26 anos, Artista Plástico.

Fotografia

2016



possibilidades dos caminhos que deixamos para trás (mas que nos perseguem como fantasmas provocadores checando nossas escolhas), nas sombras que andam conosco, na crença da alma que nos habita e com quem dialogamos, na imagem humana fotografada, nos presentimentos, entre outros<sup>30</sup>. Neste trabalho ora apresentado, o duplo acontece em dois sentidos, pois na fotografia sou eu representando o outro como o seu duplo e, por outro lado, este outro é também o meu duplo ao ser escolhido como uma possibilidade de mim. O outro e eu nos apresentamos, dessa forma, fotografados tais quais uma “Quimera” atípica, considerando que meu corpo é revestido de elementos pertencentes ao outro, que vão das roupas e da maquiagem ao seu ambiente físico e também dos seus gestos ao esforço de alcançar o ânimo condutor de sua ação.

E, com esses vários duplos de mim e do outro, acaba sendo exposta a questão escorregadia que é tentar conceituar o que seja identidade, vistas as suas implicações transmutacionais íntimas, relacionais e culturais.

Eco, uma ninfa que podia apenas repetir o final das frases que os outros lhe falavam, ao se encontrar com Narciso, um belo e soberbo rapaz, apaixona-se por ele. No diálogo que mantém, ela apenas devolve, a

Narciso, as suas últimas palavras, tal qual um espelho. Narciso alcançou de Eco, ao ouvir dela sua voz consoante, apenas um reflexo dele mesmo, mas, ao vê-la, desinteressou-se dela porque não se reconheceu nela; e Eco, ao ter a sua paixão não correspondida, definhou-se progressivamente. Depois, Narciso, vendo-se refletido em uma fonte d’água clara e espelhada, deseja-se a si mesmo, imaginando que vê um outro e, deslumbrado por si, mergulha em sua própria imagem, findando-se. “O desejo do outro é o desejo de si”<sup>31</sup>.

Olho-me no outro e o outro se olha em mim. Dessa forma, numa relação muito próxima de mim com o outro (do “eu” com o “tu”) que corresponde a uma ilusão, caminha-se, assim, como Narciso, para o mergulho, para o naufrágio, e a única forma de cortar essa relação de copresença do eu com o tu é passar a perceber esse outro como “ele”, alcançando a distância de um narrador observador capaz de captar a distinção<sup>32</sup>. “Qualquer olhar para um quadro é narcísico”<sup>33</sup>, pois o quadro é reflexo, assim como o é a fonte de Narciso; ao olhar para o outro (meu modelo) face a face, vejo refletida ali a minha própria imagem e, da mesma forma, o expectador “conversa” com a fotografia final do meu trabalho.



Gaivota Naves, 28 anos, Cantora.

Fotografia

2016



## PÓS-ATO

Na arte contemporânea, a adaptação, a pluralidade e a plasticidade fazem parte do nosso processo de identificação, e a interpretação se faz presente em todo momento de nossas vidas. Bourriaud considera o surgimento de um novo indivíduo contemporâneo que ele chama de radicante. O radicante se conforma ao lugar em que está, adapta-se a novos territórios e está em constante enraizamento/desenraizamento na medida em que caminha<sup>34</sup>. E, desse modo, a identidade do sujeito contemporâneo se constitui pela trajetória adaptativa.

As representações que faço, reveladas pelas fotografias, transitam entre a minha proposta de mutações identitárias, repleta de elementos identificativos do outro, e a apresentação de traços da minha própria identidade, lenta em desaparecer-se do seu prejulgar-se fixa.

Exercito, nesse trabalho, o encontro com o outro e com a sua identidade performatizada. Represento o outro da forma que o percebi quando se apresentou a mim e, nessa ação, ao ocupar o lugar de uma sucessão de outros, “degusto” múltiplas possibilidades de mim mesma com a intenção de, com mais celeridade, expan-

dir-me rumo a novas identidades almeçadas com as suas características diversas de atuações e modos de habitar um lugar no mundo.

Concluo que este trabalho não pode ser visto como uma série de autorretratos, pois o que pertence ao outro se sobrepõe sobremaneira à minha imagem, deixando evidente uma reflexão sobre o universo alheio e um movimento forte para a alteridade, mas que ele também não é inteiramente o retrato de um terceiro, visto que este, propriamente dito, está ausente, e a sua imagem é representada pelos componentes externos materiais e íntimos que lhe dizem respeito, além das minhas representações de suas expressões físicas. Portanto, temos aqui uma mescla dessas duas formas de retrato com um olhar prioritariamente conduzido para o outro. As representações que faço, reveladas pelas fotografias, transitam entre a minha proposta de mutações identitárias, repleta de elementos identificativos do outro somada ao meu gestual imitativo, e a apresentação da minha identidade física.

O motor das minhas fotografias, além do vetor alteridade, é o meu desejo/consciência de estar transitando em direção a novos patamares da existência como forma de expandir discernimentos. Portanto trafejo, num exercício dinâmico, entre alteridade e egoici-

dade, estabelecendo uma nova conformidade radicante que, errantemente, estende raízes para novos lugares enquanto avança, escapando da fixação da aparente inexorabilidade do próprio ser e do apelo para uma homogeneização globalizante.



## IMAGENS



Imagem 1 - Goldstein, Andy. *Gente en su Casa. 16 hermanos. Antonio Zurraco. 47 años. Plomero. 1985.*



Imagem 3 - Girbovan, Bogdan. *5th floor. 2008.*

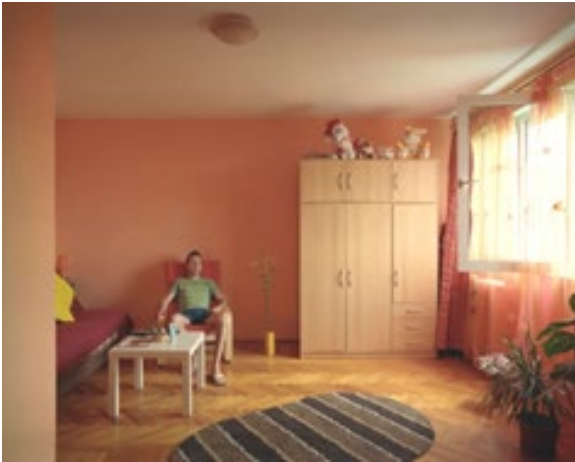


Imagem 2 - Girbovan, Bogdan. *4th floor. 2008.*



Imagem 4 - Lee, Nikki. *The Seniors Project (26). 1999.*



Imagem 5 - Lee, Nikki. *The Hip-hop Project (1)*. 2001.



Imagem 7 - Wall, Jeff. *Listener*. 2015.



Imagem 6 - Eijkelboom, Hans. *With my family*. 1973.

## NOTAS

<sup>1</sup> Vale lembrar que, para muitos povos, olhar a sua própria imagem refletida é uma forma de agouro de morte (ZIMERMAN, 1999, p. 185).

<sup>2</sup> BACHELARD, 1993, p. 201.

<sup>3</sup> BARROS, 2012, p. 99.

<sup>4</sup> BARROS, 2012, p. 98.

<sup>5</sup> GOFFMAN, 2002, p. 29.

<sup>6</sup> BACHELARD, 1993, p. 200.

<sup>7</sup> Disponível em <<http://andygoldstein.es/gentensuca-sa/index.html>>. Acesso em 27 out. 2016.

<sup>8</sup> Disponível em <<http://projetoone.com.br/10-apartamentos-identicos-10-vidas-diferentes-documentados-pela-artista-romeno/>>. Acesso em 30 out. 2016.

<sup>9</sup> CHEVALIER, 1994, p. 949.

<sup>10</sup> QUINTELA, 2009, p. 22.

<sup>11</sup> QUINTELA, 2009, p. 55.

<sup>12</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bs6mlzYBY7E>>. Acesso em 31 out. 2016.

<sup>13</sup> *Drag queen* e *drag king* são pessoas que se travestem como sendo do sexo oposto, fantasiando-se com o intuito geralmente profissional de fazer shows e apresentações. Chama-se, em geral, *drag queen* o homem que se veste com roupas de mulher, e *drag king* a mulher que se

veste como homem (SANTOS, 2008, p. 23).

<sup>14</sup> Disponível em: <[https://tiffobenii.wordpress.com/participation/nikki-s-lee/#\\_ftn1](https://tiffobenii.wordpress.com/participation/nikki-s-lee/#_ftn1)>. Acesso em: 31 out. 2016.

<sup>15</sup> COTTON, 2010, p. 137.

<sup>16</sup> COTTON, 2010, p. 137.

<sup>17</sup> COTTON, 2010, p. 138.

<sup>18</sup> Disponível em <[https://www.rencontres-arles.com/CS.aspx?VP3=CMS3&VF=ARLAR1\\_52\\_VForm&FRM=Frame%3AARLAR1\\_108&LANGSWI=1&LANG=English](https://www.rencontres-arles.com/CS.aspx?VP3=CMS3&VF=ARLAR1_52_VForm&FRM=Frame%3AARLAR1_108&LANGSWI=1&LANG=English)>. Acesso em: 21 out. 2016.

<sup>19</sup> VIEIRA, 2014.

<sup>20</sup> COTTON, 2010, p. 138.

<sup>21</sup> DOBAL, 2013, p. 86.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.mca.com.au/collection/exhibition/619-jeff-wall-photographs/>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.gallery.ca/en/see/collections/artist.php?iartistid=5764>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://thesip.org/language/en/work/jwall-mimic-en/>>. Acesso em: 21 out. 2016.

<sup>25</sup> SOULAGES, 2010, p. 71.

<sup>26</sup> SOULAGES, 2010, p. 77-78.

<sup>27</sup> ZIMERMAN, 1999, p. 190.

<sup>28</sup> FREUD, 2009, p. 252.

<sup>29</sup> FREUD, 2009, p. 243.

<sup>30</sup> FREUD, 2009, p. 252.

<sup>31</sup> DUBOIS, 1993, p. 123.

<sup>32</sup> DUBOIS, 1993, p. 146.

<sup>33</sup> DUBOIS, 1993, p. 143.

<sup>34</sup> VIEIRA, 2014.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARROS, A. A.; COUTO, M. E. G. Hábitos de habitar: Um estudo sobre os hábitos de morar em diferentes perfis habitacionais. *Oculum Ensaios* 16, Campinas, n. 16, jul./dez. 2012.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- COTTON, Charlotte. Vida íntima. In: \_\_\_\_\_. A fotografia como arte contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- DOBAL, S. Ficção e encenação na fotografia contemporânea. In: DOBAL, S.; GONÇALVES, O. (Org.). *Fotografia contemporânea: fronteiras e transgressões*. Brasília: Casa dos Museus, 2013.
- DUBOIS, P. Histórias de sombras e mitologias de espelhos. In: \_\_\_\_\_. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papyrus, 1993.
- FREUD, S. O ‘Estranho’ (1919). In: \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1919)*. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira / Sigmund Freud, v. XVII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GOFFMAN, E. Representações. In: \_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes. 2002.
- QUINTELA, H. F. A segunda pele: a linguagem das roupas, seus signos e a configuração da identidade social através do vestuário. 2009. 128 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Departamento em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- SANTOS, C. C. C. Livros de Lilitt: processos de construção de um corpo performático. 2008. 194 f. Tese (Mestrado em Artes) – Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- SOULAGES, F. Do objeto do retrato ao objeto da fotografia em geral: “Isto foi encenado”. In: \_\_\_\_\_. Es-



tética da fotografia: perda e permanência. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

VIEIRA, L. H. Mutações identitárias na autoretrática contemporânea. *Arte ConTexto*, v. 2, n. 5, 2014. Disponível em: <[http://www.artcontexto.com.br/artigo-luiz\\_henrique.html](http://www.artcontexto.com.br/artigo-luiz_henrique.html)>. Acesso em: 23 nov. 2016.

ZIMERMAN, D. O espelho na teoria e na prática psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. São Paulo: Artmed Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. Vínculos: o “vínculo do reconhecimento”. In: \_\_\_\_\_. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. São Paulo: Artmed Editora, 1999.

## **ENDEREÇOS ELETRÔNICOS RELACIONADOS**

<<http://andygoldstein.es/gentensucasa/index.html>>

<<http://projetoone.com.br/10-apartamentos-identicos-10-vidas-diferentes-documentados-pela-artista-romeno/>>

<<http://thesip.org/language/en/work/jwall-mimic-en/>>

<<http://x-traonline.org/article/nikki-s-lee/>>

<<https://www.gallery.ca/en/see/collections/artist.php?iartistid=5764>>

<<https://www.mca.com.au/collection/exhibition/619-jeff-wall-photographs/>>

<[https://www.rencontres-arles.com/CS.aspx?VP3=-CMS3&VF=ARLAR1\\_52\\_VForm&FRM=Frame%3AARLAR1\\_108&LANGSWI=1&LANG=English](https://www.rencontres-arles.com/CS.aspx?VP3=-CMS3&VF=ARLAR1_52_VForm&FRM=Frame%3AARLAR1_108&LANGSWI=1&LANG=English)>

<<https://www.theguardian.com/artanddesign/2014/jul/11/arles-2014-hans-eijkelboom-dutch-group-show>>

<[https://tiffobenii.wordpress.com/participation/nikki-s-lee/#\\_ftn1](https://tiffobenii.wordpress.com/participation/nikki-s-lee/#_ftn1)>

<<https://www.youtube.com/watch?v=bs6ml-zYBY7E>>

Máisa Rabelo nasceu em 1981 em Goiânia, Goiás, Centro-Oeste brasileiro. Formou-se em Artes Plásticas na Universidade de Brasília em 2016, tem feito estudos e experimentos em fotografias artísticas e participado de exposições em galerias da cidade de Brasília desde 2014. A artista tem se interessado por temas que envolvem representação, identidade e identificação.

